

A doutrina de Deus

R. J. Rushdoony

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Básico para a fé cristã é a doutrina do Deus triúno da Escritura. Quando os cristãos falam de Deus, eles querem dizer o Deus que se revela na Bíblia. Qualquer outro deus é um produto da imaginação do homem. É muito conveniente ao homem postular um deus, e ele o tem feito com muita frequência. Os propósitos do homem ao fazer isso são muitos, mas em todo caso eles servem a si mesmos. A filosofia, por exemplo, tem frequentemente postulado um deus a fim de fornecer para si mesma um firme fundamento em algum ponto ou outro. Como um resultado, um deus tem, como na filosofia grega, fornecido a primeira causa a fim de escapar do problema intelectual de regresso infinito. Tal deus tem pouca função além de fornecer um elo necessário numa cadeia de raciocínio. Em Descartes, a ideia de deus fornece uma apólice de seguro para a epistemologia de Descartes; à parte disso, o deus de Descartes tem pouca função, e é a mente autônoma do homem que governa e prevalece.

No mundo do teísmo não bíblico, o homem cria um deus para satisfazer suas necessidades intelectuais, e o abandona prontamente quando não é mais necessário. Na Escritura, o inverso é verdadeiro: é Deus quem é o Criador, não o homem.

Porque Deus é o Criador do homem, S. Paulo nos diz em Romanos 1.17-21, como Davi no Salmo 19.1-4 e Salmo 139, que o conhecimento de Deus é um conhecimento inescapável. Nenhum homem pode escapar de conhecer a Deus, pois cada átomo do seu ser, juntamente com toda a criação, é revelação de Deus. A fé, portanto, não é mera opinião ou crença, mas o dizer Amém a Deus. A fé significa colocar todo o nosso ser em cada palavra de Deus, confiando em Deus e na sua Palavra.

Em cada ponto, o homem é confrontado pelo Deus vivo. Francis Thompson, em seu poema, *The Hound of Heaven*, apresenta esse fato a partir de sua própria experiência, ecoando o Salmo 139 e também as *Confissões* de Agostinho.

Qualquer apologética ou teologia sistemática que tenta “provar” Deus está negando-o. Deus não é um fato entre fatos, que, por meio de cuidadosa investigação científica ou filosófica pode ser descoberto ou provado. Antes, ele é o Criador de todos os fatos, e cada fato testemunha de seu propósito e ordem.

Dessa forma, a fé não é um assentimento intelectual ao Evangelho. Crer dessa forma é declarar que o problema religioso do homem é

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2015.

intelectual e não moral, e que seu problema é ignorância e não pecado. Mas dizer isso é negar as Escrituras. O problema do homem com o conhecimento de Deus não é ignorância mas pecado, uma rebelião deliberada contra a autoridade de Deus e de sua Palavra.

Se o problema do homem é intelectual, se seu problema é ignorância, então a solução para o problema do homem é conhecimento. Então também em cada esfera o conhecimento se torna o fator salvador. Os gregos sustentavam a crença que os males do homem podem ser atribuídos a ideias falaciosas. A solução em Platão era uma solução lógica, um grupo elitista de filósofos-reis cujas ideias pudessem governar o homem religiosa, política, econômica, educacionalmente, e em qualquer outro aspecto. Dessa forma, sempre que o homem se afasta da doutrina bíblica de fé, e quando negamos o conhecimento inescapável de Deus, tentamos educar o homem à salvação. Criamos uma elite na igreja, Estado e em outros lugares, cujas ideias governam o homem.

Temos uma falsa apologética então que começa com a suposição que o homem fora da fé não conhece a existência de Deus, e é nosso dever tentar prová-la para ele. Vemos então a proliferação de livros destinados a persuadir os homens a crerem que Deus existe. Mas o homem pecador sabe que Deus existe; ele suprime esse conhecimento em injustiça (Rm 1.17-21). Van Til escreveu sobre o “desejo *Caimita*” do homem de que Deus não exista.² A negação de Deus pelo homem é uma negação moral: ele recusa reconhecer a existência de Deus, não porque ele não saiba que Deus existe, mas porque ele recusa se submeter a Deus. (O psicanalista Theodore Reik observou que ele não conhecia nenhuma psicanalista que acreditasse em Deus, e nenhum que não temesse a Deus!)

O “problema” do homem com Deus é simplesmente o fato que Deus é Deus, e o homem caído quer ser o seu próprio Deus (Gn 3.5). Seu problema, dessa forma, é em essência moral; os problemas intelectuais são trincheiras e barreiras criadas como parte de sua guerra contra Deus, e como meio de esconder o fato de sua rebelião moral. “Um problema intelectual e uma dúvida honesta” tem mais dignidade que o fato moral, uma rebelião criminosa contra o Deus criador soberano.

Outro problema com todas as provas de Deus é que elas definem Deus. Definir é limitar e compreender, mas Deus é tanto infinito como incompreensível. Um deus definível não é deus de forma alguma, e é frequentemente menos que o homem. Declarações confessionais podem descrever Deus em termos de sua autorrevelação, mas não podem defini-lo.

Em Êxodo 3.13-15, temos a resposta de Deus ao pedido de definição:

Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?

² Cornelius Van Til: *Psychology of Religion*. (Philadelphia, PA: Westminster Theological Seminary, 1935.) p. 128.

Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.

Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O SENHOR, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração.

Em primeiro lugar, nomear é definir, na Escritura. No mundo antigo, nomes eram definições, e eles mudavam quando um homem mudava. Não sabemos o nome original de Abraão antes do seu chamado; após seu chamado, Deus o chamou de Abrão, e mais tarde Abraão. O nome de Abraão milita contra as normas humanas para nomeação, visto que ele não teve filhos durante a maior parte de sua vida, em vez de ser um pai de muitos, mas foi um nome da parte de Deus, a ser tomado pela fé.

Moisés, ao afirmar que Israel desejaria um nome para Deus estava dizendo que eles queriam uma definição. Deus, afinal, tinha estado por muito tempo em silêncio. Como justificar isso? Quem ele era? Dessa forma, a questão era: explique-se, defina-se.

Segundo, os deuses da antiguidade tinham nomes. Isso não é surpresa: eles eram seres limitados e, portanto, definíveis. Seus nomes eram valiosos aos homens, pois seus nomes comumente indicavam sua utilidade. Muitos dos seus nomes, tais como Vênus, Marte, Mercúrio, Jano, e semelhantes, tinham passado para os idiomas europeus como tendo significados específicos relacionados à função antiga do deus ou deusa. A recusa de Deus em se definir significa que ele estava e está além da utilidade: ele governa e não é governável pelo homem. Ele não é definível, pois, como Senhor e Criador, todas as coisas são feitas e definidas por ele.

Terceiro, a única coisa que ressoa um nome que Deus dá é EU SOU O QUE SOU; ele é o Ser último e não criado, ele é quem é, Jeová, ou Iavé. Ele é o criador e o definidor. Todo ser criado é revelação dele, mas nada o define.

Quarto, Deus manifesta seu ser e natureza em sua autorrevelação na história, natureza, e supremamente em sua palavra escrita e em sua Palavra encarnada. A revelação de Deus é o seu único nome que o homem pode conhecer. Ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. Esse é para sempre o seu nome, e seu memorial e palavra para todas as gerações. (Limitar seu memorial ao Novo Testamento é, dessa forma, negar seu nome e pessoa.)

Mas isso não é tudo. A história tem desenvolvimento e progresso, ou declínio às vezes. Deus é o mesmo: ele não muda (Ml 3.6). Como resultado, não podemos, implícita ou explicitamente, ver uma evolução em Deus. Ele é, desde toda a eternidade, o Deus triúno. A consciência do homem sobre Deus pode crescer, mas Deus é sempre o mesmo. Dessa forma, em cada página da Escritura é o Deus triúno quem nos fala, o

Deus triúno cuja revelação na história é descrita, e o Deus triúno que ordena nossa obediência e atenção.

Isso significa que, quando falamos de Deus, devemos querer dizer com isso o Deus triúno. Deus é Deus o Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo. Reservar o termo Deus ao Pai somente é alheio à Escritura e assume uma subordinação e uma desunião na Trindade que não é verdadeira. O Deus vivo é um Deus triúno.

O Catecismo Maior de Westminster declara:

P. 8. Há mais que um Deus?

R. Há um só Deus, o Deus vivo e verdadeiro. (Dt. 6.4; 1Co. 8.6; Jr. 10.10).

P. 9. Quantas pessoas há na Divindade?

R. Na Divindade há três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; essas três são um só Deus verdadeiro e eterno, da mesma substância, iguais em poder e glória, embora distintas por suas propriedades pessoais. (Mt 3.16, 17; Mt 28.19; 2Co 13.14).

Fonte: Rousas John Rushdoony, *Systematic Theology in Two Volumes* (vol. 1; Vallecito, CA: Ross House Books, 1994), pp. 171-174.